

Governo Lula divide o pão

(Manoel Rubens)

Pesquisa mostra que queda no nível de pobreza entre 2003 e 2005 é a maior dos últimos 10 anos

No mesmo período, miséria recua 19,18%, mais que entre 1993 e 1995, quando diminuiu 18,74%

Número de goianos que vivem com apenas US\$ 1 a US\$ 2 por dia cai pela metade de 1993 a 2004

A queda no nível de pobreza entre 2003 e 2005 é a maior dos últimos 10 anos. Neste período, a miséria no País caiu 19,18%, mais do que entre 1993 e 1995, quando houve outro ciclo de forte queda (18,47%). A pesquisa Miséria, Desigualdade e Estabilidade: O Segundo Real, divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) ontem, mostra ainda que a miséria ainda atingia 28,2% da população brasileira, em 2003, e chegou a 22,7% em 2005.

O percentual, o mais baixo desde 1992, quando o estudo começou a ser feito, mostra, no entanto, que em torno de 42 milhões de pessoas ainda vivem na miséria. Segundo o coordenador da pesquisa, Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, a queda acumulada no nível de miséria – registrada nas três últimas Pnad – é equivalente à que ocorreu na época do Plano Real.

“Basicamente, se a gente olhar, desde 1993, a miséria brasileira caiu de 35% para 28%, com o real. Depois passa por um período de estagnação e de 2003 para cá ela cai de 28% para 22%, uma redução bastante expressiva”, ressaltou.

Néri explicou que a redução no nível de pobreza observada nesse período está ligada a fatores como a retomada da oferta de empregos, a programas de distribuição de renda, como o Bolsa Família, e à expansão dos gastos previdenciários. E informou que o estudo também aponta diminuição no ritmo de crescimento da pobreza metropolitana, entre 2003 e 2005.

“A pobreza metropolitana, nas grandes cidades brasileiras, que tinha aumentado muito de 1995 para 2003, caiu de 22% para 16% da população, o que mostra uma certa reversão da crise metropolitana que está associada a piores indicadores de violência e de desemprego”, observou o coordenador. Na avaliação de Néri, ao contrário dos anos anteriores, a redução da pobreza nas grandes cidades foi a principal “locomotiva” da retomada dos indicadores sociais.

O coordenador destacou ainda que a partir dos dados da pesquisa “percebe-se que de 1993 para cá o Brasil já teria completado a Meta do Milênio de reduzir a extrema pobreza à metade”. Essa meta estava prevista para 2015.

A desigualdade brasileira também passou a dar sinais de queda consistente a partir de 2000, segundo o estudo. A parcela dos 50% mais pobres da população aumentou sua participação na renda brasileira de 12,5%, em 2001, para 14,1%, em 2005. Já a participação dos 10% mais ricos caiu no período de 47,2% para 45,1%.

A pesquisa da FGV foi feita com base nos dados da Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (Pnad), realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O estudo da FGV usa uma metodologia própria para o conceito de miséria, que estabelece que está nesta faixa a pessoa que tem renda per capita inferior a R\$ 121 a preços atuais na Grande São Paulo. Ou seja, para a população de outras regiões o valor limite é ajustado de acordo com as variações do custo de vida local.

Fatores – Os dados divulgados ontem pela Fundação Getúlio Vargas são resultado de uma conjunção de fatores, segundo o diretor do Departamento de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, Rômulo Paes. Entre os principais estão os programas de transferência de renda, com destaque para o Bolsa Família; o aumento real (descontada a inflação) de 10% no salário mínimo, de 2004 para 2005; e o crescimento da formalidade no mercado de trabalho, com recomposição da renda do trabalhador. Paes afirmou que as alterações macroeconômicas que aconteceram no País desde 1995 – após o Plano Real – proporcionaram ganhos imediatos para a população, sobretudo a mais pobre. Porém, com o passar dos anos, o efeito foi diminuindo.

“A grande novidade são os programas de transferência de renda, especialmente o Bolsa Família. É claro que havia programas do gênero desde 2001. Mas a partir de 2003, a cobertura foi ampliada e melhorou a focalização. Com isso, atingimos as camadas mais profundas, onde está a base da população.”

/td>